

[dossier]



A moda: campo expandido da arte, da cultura, da ciência, da vida

Fashion: expanded field of art, culture, science and life

Ana Carolina Acom¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7106-0401>

Joana Bosak²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6563-116X>

Em seu recém-lançado “O Ser e a Moda: a metafísica do vestir”, (2023), Ana Carolina Acom nos diz que

a relação humana com o artefato vestível parece universal, mas a multiplicidade de aportes para essa relação é o que caracteriza o Campo, por seu caráter múltiplo e prolífero em objetos e perspectivas de pesquisa. Assim, a multiplicidade do Ser da Moda pode ser referida pela própria característica interdisciplinar dos diferentes objetos que tangenciam o seu campo (Acom, 2023, p. 29-30).

Desta forma, entendemos que o Campo da Moda hoje, como objeto de nossas pesquisas, excede em muito disciplinas, espaços e fronteiras acadêmicos originalmente destinados aos estudos tradicionais em moda. Tais investigações previam uma moda de surgimento e desenvolvimento geográfico eurocentrado e uma disputa em torno das aparências de uma classe social nascente, a burguesia; e a manutenção de uma nobreza que tentava manter seu poder de decisão sobre os padrões de visualidade – entre tantos outros – das sociedades ocidentais como valores, inclusive, de civilidade.

Posteriormente, a continuidade dessa ética que se espria em direção à vida burguesa, expandido a sociedade espelhada na corte não mais existente, será a construtora dos conceitos do que é arte, do que é civilização, do que é cultura, do que é bom gosto – em plena Modernidade, aquele lado brilhante da Colonialidade, de que nos fala, às avessas, Walter Mignolo, não por acaso citado por Sarah Chang, em sua conferência de encerramento do 18º Colóquio de Moda, no mês de setembro deste ano (2023), em Fortaleza.

¹ Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras (UNIOESTE). Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). anacarolinaacom@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/7164611825752287>.

² Doutora em Letras - Literatura Comparada. UFRGS. joanabosak@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/2938354734194794>

A partir de estudos marxistas e em leituras de Norbert Elias, Pierre Bourdieu passou boa parte de sua vida estudando justamente a maneira como serão mantidos, herdados e eternizados esses índices culturais, como o famoso “olho do quattrocento”, definidor de nossa ideia comumente aceita como grande arte, a do Renascimento desenvolvida em uma (!) cidade (Florença) muito rica de uma região específica (Toscana) da Itália ainda inexistente como Estado nacional àquela altura, nos 1400.

Esse olhar é facilmente deslizável para o entendimento da Moda. Compreendemos mesmo que o Sistema aludido por Roland Barthes e Gilles Lipovestky, além de autores clássicos como James Laver e François Boucher, parte exatamente daí em sua especificidade de novidade cíclica e em disputa permanente.

Tal leitura restringe a ideia do que seria a Moda, e tem sido discutida de forma muito competente e bem sucedida, em nosso entendimento, pelo movimento recente dos estudos decoloniais, que percebem o conceito de moda a partir de condições como as acima expostas, Santos (2020), por exemplo.

Dentro do paradigma tradicional, a moda opera como mais um instrumento opressor na retórica colonial, ao entender apenas europeus enriquecidos e de uma determinada época, como capazes de produzir indumentária que se renova ciclicamente, representando padrões de sociabilidade mais complexos. As roupas da moda seriam, assim, exemplos consistentes de como uma parcela muito específica do planeta foi capaz de criar suas camadas de proteção, subjetivação e ornamentação, realizando uma síntese de sua cultura de forma visual e portátil (Bosak, 2023), em detrimento de outros povos, menos “dotados”, que não teriam as ferramentas e as possibilidades de tais demonstrações intelectuais e técnicas.

Neste dossiê, portanto, propomos simultaneamente que atravessemos os campos do conhecimento, tornando multi e transdisciplinar o campo ao qual nos filiamos. Para além de um olhar sempre em relação, ousamos pensar esse Ser da Moda como objeto de pesquisa rebelde que antecipa um conceito, que agrega saberes ancestrais, pensamentos ditos selvagens, povos anteriormente considerados primitivos; gente que se veste, que se orna, mas que não tinha “cultura” - diante dos marcadores euro e norte-centrados.

Assim, olhamos para corpos desnudos, talvez tatuados; vestes sem corpos, mas que dizem dessa existência; pinturas que falam de trajes, pró(s)teses que vestem e completam um corpo, mostrando uma vida que se torna cada vez mais ciborgue (Haraway, 2021).

Pensamos também em personagens literários e as múltiplas possibilidades de vidas dentro do texto, com suas roupas marcando uma condição emocional, psíquica.

O objetivo das propositoras deste dossiê era justamente pensar essas múltiplas possibilidades da Moda: ir além, inclusive, do amplo alcance que nossas pesquisas já têm como grupo de pesquisa (@arteemodaufrgs), chegando a muito do que pensamos. E está aqui.

Da relação das vestes-moda com a produção artística em espaços institucionalizados como de saúde mental, passando por um já clássico da literatura contemporânea; por estudos em design de moda e sua relação com o bem-estar de pacientes médicos; o uso de

pró(s)teses e a vida ciborgue que se alastra entre nós; o estudo do cangaço em sua visualidade vestida, a relação interdisciplinar entre moda e ciências sociais, *fashion films...* Enfim, são temas diversos cujo eixo comum é aquilo que viemos defendendo: um Campo da Moda expandido em torno de um ser humano que se veste, pensa a roupa ou produz objetos vestíveis para o seu deleite, ainda que não os vista.

As questões entrelaçadas por arte, poder e vivências tradicionalmente tomadas por loucura são o ponto de partida do texto “Pinturas de si: éticas e poéticas nas vestes falantes da artista visual Solange Gonçalves Luciano”, de Ana Cleia Christovam Hoffmann. Nele, a autora traz à luz a artista Sol e suas vestes que falam. Tal como o famoso grito da seda, ouvido por alienistas em La Salpêtrière (Arnoux, 2013), o artigo articula as produções das vestes, o campo da arte e o da desrazão - aqui a partir da perspectiva filosófica pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Félix Guattari. As vestes de Sol foram realizadas na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. A autora expande “o papel das artes e das vestes, ao investigar como as matérias pesquisadas são capazes de estabelecer uma micropolítica que afirma a vida”. E mostra de que maneira a moda, como um “dispositivo capaz de movimentar os estratos sociais, atua também como produtora de modos de vida” e de inventividade, cria novos mundos e possibilidades de existência para além dos percursos previstos a quem não se adequa aos padrões de normalidade - também esses estruturados a partir de pressupostos datados e espacializados.

Seguindo no Brasil, indo mais ao Norte, Ana Carolina Acom traz o Ser da Moda para um momento inusitado em “Cangaceiros e sua existência ético-estética: entre dândis do sertão e banditismo social”. O artigo é “uma investigação de caráter pós-doutoral sobre o modo de existência ético-estético dos cangaceiros. O Cangaço é um movimento da subcultura forada-lei, no Nordeste do Brasil, que remonta meados do século XIX.” A pesquisa busca refletir a estética do bando de Lampião, com atuação entre os anos 1920 e 1940, mostrando o porquê de a estética do cangaço ser totalmente marcada pela indumentária de couro. Originada do vaqueiro da região, constituiu-se em aparência única, “repleta de bordados simbólicos, adereços metálicos e composições entre funcionalidades bélicas e adornáveis”. Este estudo contempla os significados da modernidade em autores já clássicos como Walter Benjamin e Charles Baudelaire, e leva seus conceitos rumo à aparição dos sujeitos ambíguos que viviam de forma nômade na caatinga, em nosso sertão nordestino. Indo além do tempo específico de agência do bando, o cangaceiro continua como figura forte da cultura popular. Aqui, especificamente, o artigo demonstra a presença desse “fora da lei” na transição do cinema de caráter clássico-industrial para a experimentação autoral no Cinema Novo.

Damos um salto e rumamos em direção a uma perspectiva muito contemporânea, ensaiada pela filósofa e zoóloga estadunidense Donna Haraway já nos anos 1980, mas que só se dissemina no Brasil nos anos 2020. O artigo “Do vale da estranheza ao alto da moda: o vestir de próteses físicas e intangíveis nos traz as próteses como entes anexados ao corpo”, de Livia Teixeira Duarte e Marcelina das Graças de Almeida. No texto se parte da origem das palavras prótese e prótese, como algo “que remete a aquilo que se posiciona junto ou em frente de algo”. Dessa etimologia se empregou na pesquisa “a grafia prótese como sinônimo de tudo aquilo que colocamos próximo ao corpo, ou seja, vestimos”, tal como o *fetisso* abordado por

Igor Kotpytoff quando pensa a biografia cultural das coisas (2008). O artigo investiga que próteses estão presentes na trajetória humana e a forma como se lida com elas. Para isso, Livia Teixeira Duarte e Marcelina das Graças de Almeida realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos como pós-humanismo, ciborgues e biohacking, o que tornou possível perceber que as próteses ganharam distintas simbologias no decorrer da história e entendendo que o mais importante é perceber quais as implicações de seus usos.

Rumando a uma discussão muito específica em ciências humanas, nos chega o texto “Interdisciplinaridades entre Moda e representações sociais”, de Silvio Duarte Domingos. Tal como Roland Barthes o fez no final dos anos 1960, o autor percebe reiteradamente que o fator interdisciplinar é o que une, através da construção de um alinhavo, diferentes disciplinas científicas entre si. Para Domingos, “a literatura indica que entre Moda e Psicologia Social há um campo interdisciplinar promissor, mas cujas pesquisas ainda são incipientes (Dos Reis Junior e Andrade, 2019)”. Utilizando-se de autores já clássicos da teoria que refletiu sobre a Moda, como Umberto Eco, o autor se utiliza, metodologicamente, de uma revisão narrativa da literatura. Articula, por fim, diversas teorias para tecer o seu quadro interdisciplinar.

Seguindo pela narrativa literária e seus tecidos, Bruna da Silva Nunes e Rodrigo César Dias, ambos doutores em Literatura Brasileira, apresentam “Uma montagem desordenada de roupas e gestos: as tessituras do romance ‘Um amor incômodo’, de Elena Ferrante”. Partem do romance “Um amor incômodo”, da autora italiana, no qual a narradora e protagonista Delia busca, através de pistas encontradas em peças de roupas, descobrir como foram os últimos dias de vida da sua mãe, que morrera afogada em uma praia. O artigo apresenta, pois, uma perspectiva de leitura que mostra como os itens de vestimenta são centrais “no desenvolvimento da trama, tanto para a investigação de Delia, quanto para elaboração do luto e para a rememoração do passado da protagonista”. Os autores se utilizam como referencial teórico de “o paradigma indiciário”, do historiador Carlo Ginzburg, de “O casaco de Marx”, de Peter Stallybrass e de “Além do princípio do prazer”, de Sigmund Freud.

Indo na direção da indústria cultural, Amanda Queiroz Campos nos brinda com “*Fashion films*: tendências e vigências na comunicação de moda”, uma pesquisa que aborda os *fashion films* “como modalidade vigente e amplamente valorizada na comunicação de moda”, os quais aproximam o público consumidor, com “o objetivo de ultrapassar a materialidade do produto, tornando a relação com os produtos e as marcas mais comovente e emocionante”. São analisados *fashion films* lançados por marcas internacionais nos anos de 2021 e 2022, que mostram tendências de comunicação no campo da moda. A autora adota a metodologia de análise de discurso em combinação com análise visual para descrever, analisar e interpretar as mensagens veiculadas pelo conteúdo abordado e depois identifica tendências e aproximações na produção de conteúdo de diferentes marcas. São analisados os filmes: (1) *C'est L'Amour*, Adidas e Gucci; (2) *Olivia Wilde Directs Her Own Vogue Video*, Vogue; (3) *Victor da Justa*, SPFWN53; (4) *Storm chasing*, Alexander McQueen; e (5) *Sankofa – Mile lab*, o que nos comprova, cada dia mais o mecenato contemporâneo de diversas marcas de luxo, conforme os estudos de Livia Pinent sobre o papel da Fondazione Prada (2019).

Entrelaçando ciência, saúde, tecnologia e Moda, temos na sequência o artigo “Impressão 3D: inovação e relação entre as áreas da Medicina e do Design de Moda”, de Luísa

Saraiva Leão Leite da Silva e Ester Fernanda Ferreira. No estudo, as autoras percebem a impressão 3D como uma tecnologia que “permite a materialização de objetos tridimensionais, e, dessa forma, vem proporcionando novas possibilidades e soluções inovadoras”. Na investigação é abordada a forma como o designer de moda, ao se utilizar da impressão 3D pode contribuir para o bem-estar dos pacientes, através da criação de acessórios que são, simultaneamente, médicos e estéticos.

Finalmente, em “Ferramentas da moda artesanal como proposta metodológica para pesquisa em Psicologia Social”, as psicólogas Helena Soares e Jaqueline Tilton exercitam a metodologia do ponto-atrás como prática possível de escuta decolonial que pensa o campo psi para além da moda, nas relações humanas, principalmente a partir das mulheres com suas múltiplas entradas no mundo do trabalho, da casa, e na produção de subjetividades. Propõem, assim, as aproximações dos campos da moda e da psicologia com objetivo de construir tal metodologia de pesquisa para a área psi. Partindo de uma perspectiva decolonial da produção de conhecimento, as autoras abordam “a localização do ponto de vista de quem pesquisa para descortinar relações de poder enraizadas na cultura. A proposta de uma metodologia intitulada ‘ponto-atrás’ considera a artesanaria dos têxteis como uma das tantas possibilidades do que entendemos por moda.” As psicólogas também se remetem ao trabalho, já referenciado, de Heloisa Helena de Oliveira Santos sobre o conceito de moda; além das “psicologias analisadas por Rosane Neves da Silva, e dos modos de subjetivação por Frantz Fanon e Patricia Hill Collins”, sugerindo intersecções dos campos em questão do repertório semântico até ferramentas materiais.

Como acréscimo ao final desta edição, ainda que “fora” do dossiê, temos a resenha “Uma história dos trajes – e mais – pelos traços do jovem Victor Meirelles”, por Joana Bosak, sobre a obra de Mara Rubia Sant’Anna, que estudou em uma pesquisa de grande fôlego o período formativo de Victor Meirelles, como pintor do século XIX e sua relação com trajes regionais italianos e fecha uma proposta feita por nós, que também dá conta da relação Arte-Moda.

Após a breve apresentação de nosso argumento inicial, bem como de fios narrativos disparadores dos oito artigos que compõem este dossiê, pensamos que o Campo da Moda, tal como o percebido por nós, como Grupo de Pesquisa estruturado e registrado junto ao CNPq desde 2015 (História da Arte e Cultura de Moda, sediado junto ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) está bem contemplado em sua inteireza de proposições múltiplas, variadas, dinâmicas, únicas e inusitadas. Bem como gostamos. Bem como queremos o Campo da Moda: generoso, expandido e acolhedor. Boa leitura.

Referências

ACOM, Ana Carolina. **O Ser e a Moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

ARNOUX, Danielle et al. **O grito da seda**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BOSAK, Joana. Museu Portátil, ou a poética da moda encarnada. In: ACOM, Ana C. et al. **Museus Portáteis e outras histórias da arte-moda**. Foz do Iguaçu: EdUNILA, 2023, pp.186-196.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Blog ClubF Bazar do Tempo**, 2021. Disponível em: <https://clubef.bazardotempo.com.br/2021/07/21/manifesto-ciborgue-de-donna-haraway/>. Acesso em 31 de outubro de 2023, às 15:45.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niteroi: EdUFF, 2008.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da Modernidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** 32(94), 2017.

PINENT, Livia. **O consumidor expandido**: reflexos de um estudo etnográfico sobre moda, arte e comunicação na Fondazione Prada. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2019.

SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira. Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos. In: **Modapalavra e-periódico** 13(28): 164-190. Florianópolis: UDESC, 2020.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**. Roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.